



## ESTADOS UNIDOS

A 73 dias das eleições presidenciais, Kamala Harris busca aproveitar o impulso da Convenção Nacional Democrata. Donald Trump critica o discurso da adversária e a qualifica como "fraca". Candidatos se preparam para o debate de 10 de setembro

# Corrida na reta final

» RODRIGO CRAVEIRO

Com o fim das convenções e a nomeação do republicano Donald Trump e da democrata Kamala Harris como candidatos à Casa Branca, a disputa pelo cargo mais importante do planeta entra em momentos decisivos. Daqui a 10 semanas e três dias, 161 milhões de norte-americanos estarão aptos a escolher o próximo presidente. As atenções se voltam para os comícios e para o debate televisivo de 10 de setembro, crucial para as pretensões de ambos. Trump passou parte do dia de ontem publicando 37 mensagens nas quais critica o pronunciamento de Kamala, em sua rede Truth Social.

O republicano chamou a adversária de "fraca" e "ineficiente". "Kamala disse que forjará um novo caminho adiante, mas teve três anos e meio, e nada fez, a não ser dano!", escreveu Trump. "Ela deveria deixar o discurso, ir a Washington e fechar a fronteira." Por sua vez, a democrata tira proveito da repercussão de seu discurso de 40 minutos, considerado por especialistas como consistente e forjado para consolidar a vitória.

De acordo com Bruce Ackerman — professor de direito da Universidade de Yale (em New Haven, Connecticut) —, Kamala Harris aproveitou para enfatizar a própria luta para se tornar uma promotora dedicada à proteção de americanos que tiveram a vida destruída pela violência. "Ela também mostrou determinação em usar sua Presidência para proteger a nova geração de abusos semelhantes. Ao contrário de Walz, a mãe de Kamala foi uma cientista distinta que fez

### Apoio do sobrinho de John F. Kennedy

O candidato independente Robert F. Kennedy Jr., descendente do clã político mais famoso dos Estados Unidos, anunciou a suspensão de sua campanha à Presidência e pediu voto para o republicano Donald Trump em uma dezena de estações-chave. "Já não acredito que eu tenha um caminho realista de vitória eleitoral", disse RFK Jr., durante discurso no Arizona. Aos 70 anos, o sobrinho do ex-presidente John F. Kennedy condenou a escolha de Kamala Harris como candidata democrata sem que ela passasse por prévias e citou uma longa lista de queixas contra seu antigo partido que, segundo ele, o levaram a apoiar "o presidente Trump". Sua família, por sua vez, lhe virou as costas. "A decisão de nosso irmão Bobby de apoiar hoje Trump é uma traição aos valores que nosso pai e nossa família mais apreciam", disse na rede X sua irmã, Kerry Kennedy, ativista de direitos humanos.

contribuições revolucionárias para a microbiologia. Apesar de suas muitas dificuldades pessoais, ela teve condições de fornecer à Kamala muitos dos recursos culturais necessários para o sucesso na escola", disse ao **Correio**. "Sua escolha pelo governador Tim Walz como colega de chapa expressa sua vontade de fornecer oportunidades decisivas

Charly Triballeau/AFP



Kamala Harris acena para a multidão na madrugada de ontem, ao deixar o palco do United Center, em Chicago: pronunciamento histórico

coletiva contra a ideia de 'América em primeiro lugar', o slogan de Trump."

Para Steven Greene, professor de ciência política da Universidade Estadual da Carolina do Norte, a Convenção Nacional Democrata em si e o discurso de Kamala foram "impressionantes". O Partido Democrata está unido em torno de Harris. O trabalho dela é alcançar eleitores indecisos e republicanos descontentes, e ela fez isso", comentou.

Por sua vez, James Naylor Green, historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island), afirmou ao **Correio** que Kamala fez um discurso "muito poderoso", ao unir a esquerda e o centro do Partido Democrata. "Há cinco menos, o partido enfrentava uma crise associada a quem seria o candidato, com Joe Biden fraco nas pesquisas. Kamala unificou as bases sem encontrar muita oposição", declarou. "O comentário dela sobre a situação na Faixa de Gaza não vai agradar a quem se opõe à guerra, mas foi o suficiente para ela garantir uma unidade dentro dos setores mais centrais do partido. Em geral, ela sairá com muita energia para começar a campanha de base, na próxima semana, indo de casa em casa e mobilizando as pessoas para obter votos."

Ian Maule/Getty Images/AFP



Donald Trump em evento na cidade de Las Vegas: "Ela teve três anos e meio e nada fez!"

povo norte-americano, que sabia pouco sobre ela. "Kamala conseguiu humanizar sua história pessoal e traçar contrastes nítidos entre ela e Donald Trump", afirmou, por e-mail. "Ela expôs os temas que conduzirão a campanha pelos próximos 75 dias: democracia versus autoritarismo, apoio aos trabalhadores versus suporte aos ricos, direitos reprodutivos e restrições ao aborto, e segurança

para trabalhadores americanos sem privilégios da elite."

Historiador político da American University, em

Washington, Allan Lichtman admitiu à reportagem que o "discurso inspirador" de Kamala efetivamente a apresentou ao

## ALEMANHA

# Ataque a faca mata pelo menos três

Solingen, cidade de 160 mil habitantes situada no oeste da Alemanha, a 25km de Dusseldorf, celebrava o seu 650º aniversário com um festival marcado pela diversidade e com apresentações musicais. Por volta das 21h45 (17h45 em Brasília), um homem invadiu o local do evento, na praça conhecida como Frohnhof, e esfaqueou várias pessoas. As autoridades não descartam um atentado terrorista. Até o fechamento desta edição, a mídia

alemã citava três mortos e quatro feridos gravemente.

Uma das testemunhas, o fotógrafo Lars Breitzke contou ao jornal local *Solinger Tageblatt* que estava na frente do palco quando percebeu que havia algo errado. De acordo com ele, o cantor de uma banda que tocava no momento estava com um "semblante estranho". "De repente, vi uma pessoa tombar a cerca de um metro de onde eu estava", disse. Na madrugada

de hoje, cerca de 40 viaturas táticas da polícia empreendiam uma caçada ao suspeito, visto em fuga pela avenida principal.

As autoridades esvaziaram o centro de Solingen e suspenderam o festival. Tim Kurzbach, prefeito da cidade, escreveu uma mensagem nas redes sociais em que afirmava que Solingen estava imersa em choque, susto e grande tristeza. "Todos nós queremos comemorar o aniversário da nossa cidade juntos e, agora,

temos que chorar os mortos e os feridos. (...) Rezo para aqueles que ainda lutam pelas suas vidas", afirmou. "Minha simpatia por todas aquelas pessoas que tiveram que enfrentar isso, aquelas imagens devem ter sido horripáveis", acrescentou.

Ao citar os organizadores do festival, o jornal alemão *Bild* informou que o evento se estenderia até amanhã e reuniria cerca de 80 mil pessoas durante os três dias —metade da população.

Gianni Gattuso/DPA/AFP



Policiais e ambulâncias no local do crime, em Solingen (oeste do país)

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# A oposição com a bola

É dos opositores do presidente Nicolás Maduro que se esperam os próximos lances no impasse eleitoral da Venezuela. Os movimentos no terreno institucional/constitucional se esgotaram com o pronunciamento do Tribunal Supremo de Justiça (TSJ), máxima instância jurídica, que ratificou o resultado anunciado pela autoridade eleitoral: a reeleição do governante chavista. O jogo, para a oposição, se apresenta agora no campo político. E diplomático.

Nem seria necessária uma declaração pública desautorizando a decisão oficial, já que desde sempre a coligação antichavista desconhece legitimidade nas instâncias do regime. Internamente, o desafio será a batalha das ruas, que demanda mobilização das bases sociais. Dela dependerá a projeção da crise no cenário internacional,

que por duas vezes determinará a capacidade da oposição para articular o isolamento externo de Maduro.

Cinco anos atrás, a manobra de nomear presidente interino o deputado Juan Guaidó produziu algum efeito de curto prazo, mas perdeu fôlego e se esvaiu. Maduro, então pouco mais do que o herdeiro político de Hugo Chávez, sobreviveu ao mandato e se viu formalmente proclamado titular para mais um período de seis anos.

### Três categorias

Do ponto de vista da oposição venezuelana, se desenham três categorias, grosso modo, na posição de outros governos sobre o impasse eleitoral.

Um primeiro grupo compreende os aliados incondicionais do chavismo: Rússia, China, Irã, Cuba, Nicarágua, Bolívia e

outros já felicitaram o presidente pela reeleição. Quanto a esses, nada a fazer.

Os esforços imediatos devem se concentrar sobre o campo daqueles que rejeitaram de pronto o resultado oficial, como os EUA e vizinhos latino-americanos — Argentina, Uruguai, Chile e Peru, entre outros. O objetivo é que passem a reconhecer publicamente como vitorioso o candidato opositor, Edmundo González.

É especialmente importante para González a posição que tomarão Brasil e Colômbia, dois parceiros vitais, também pela extensão das fronteiras compartilhadas. Até aqui, os governos de Lula e Gustavo Petro intercederam com o propósito de inibir o que classificam como intromissão de "atores extrarregionais". Sobre o resultado oficial, optaram por não reconhecer a validade até que fossem apresentados os boletins de urnas.

Com a decisão do TSJ, que recusou a publicação das atas, a oposição investirá na direção de que os dois governos ao menos declarem inválida a proclamação de Maduro.

### Mato sem cachorro

O dilema do Planalto e do Itamaraty se coloca agora na recusa — anunciada como irrevogável — da máxima instância judicial venezuelana a possibilitar qualquer tipo de revisão dos resultados. Aceitar a recondução de Maduro, nessas condições, implica renunciar às cobranças por transparência. Rejeitá-la exige apresentar algum tipo de opção que não configure uma intervenção em assuntos internos do país vizinho.

Para além das declarações e notas, o enigma para a diplomacia brasileira é delinear um curso de ação de modo a dissolver a crise e impedir uma escalada de violência política. Em circunstâncias e com motivações distintas, tanto Maduro quanto o assessor especial de Lula, Celso Amorim, mencionaram o risco de guerra civil. Encontrar um caminho é o desafio ilustrado pelo dito sobre quem se vê "no mato sem cachorro".

### Nem te ligo

A atitude do governo de Caracas e dos expoentes do chavismo expõe a delicadeza da situação em que operam Lula, Amorim e o chanceler Mauro Vieira. Uma vez anunciada a decisão do TSJ, o presidente da Assembleia Nacional, o chavista Jorge Rodríguez, aproveitou para provocar o assessor do Planalto, que chegou a aventar a possibilidade de novas eleições. O deputado observou que o resultado das urnas foi validado por uma "jurisdição superior", a exemplo do que ocorre em outros países. Quando citou o Brasil, acrescentou: "Ouviu, senhor Celso Amorim?"

Nas quatro semanas desde a votação, embora tenha comentado o processo, o governo brasileiro, assim como o presidente, decidiu não responder nas redes sociais a ataques "no varejo" de setores chavistas. Uma atitude semelhante à adotada para com o presidente argentino, Javier Milei, e porta-vozes do governo do premiê israelense Benjamin Netanyahu.